

## **VIDA INTERIOR**

Mesmo sendo uma dimensão fundamental tanto na elaboração do projeto quanto na experimentação do espaço arquitetônico, o interior da Arquitetura ainda sofre de uma certa crise de identidade e busca seu lugar ao sol. Relegado a um segundo plano, oscilando entre a Arquitetura, o Design e a decoração, até sua denominação carece de precisão: interiores, o interior, arquitetura de interiores, ambientação interna... Como chamar aquele lugar dentro do edifício aonde passamos a maior parte de nossas vidas? Verdade é que, com limites ainda pouco definidos, o interior se ressentido de uma estruturação teórica e sistematizada no âmbito acadêmico e de uma delimitação mais clara de atribuições no âmbito profissional. No Brasil, os Cursos de Arquitetura destinam muito pouca ou quase nada de carga horária obrigatória relacionada ao assunto, isso quando não se restringem a cursos de especialização ou técnicos. Os livros e periódicos nacionais de Arquitetura muito pouco tratam do tema e publicações específicas são voltadas mais para o cliente do que o arquiteto ou estudantes de Arquitetura. Já no campo do Design, a carreira de “Design de Interiores” é uma realidade, chamando cada vez mais para si o ofício e a produção, seja ela acadêmica ou prática. Enfim, parece que por aqui a Arquitetura é um fenômeno que deve ser observado exclusivamente desde fora. O resultado disso é uma visão parcial, a ignorância ou a negação do assunto. Na realidade, é possível admitir que existe um certo preconceito dos próprios Arquitetos em relação à questão.

Na contramão das investigações ao longo de quase quarenta anos da relação entre o discurso e a prática da Arquitetura Moderna brasileira, a dimensão interna segue ainda quase que desconhecida ou muito pouco abordada. Esta sessão pretende, portanto, fazer um movimento no outro sentido, de olhar a Arquitetura por dentro, de transpassar as fronteiras tradicionalmente abordadas e tratar da vida interior do espaço construído. O objetivo é traçar um panorama da produção nacional nesta área, tanto acadêmica quanto prática. Os territórios abordados são:

### **Identidade - sou**

Cabe questionarmos aqui a definição do assunto, entendido desde sua denominação e limites até suas interfaces e superposições com outras áreas como o design e a decoração ou até

mesmo o urbanismo. O que é o interior da Arquitetura? E a ambientação interna, é outra coisa? Quem produz o quê? Quando? Ao mesmo tempo? Existe, todavia, o “projeto total” de arquitetura, onde se verifica uma operação única de projeto que concebe o todo, interior e exterior? Qual o papel histórico da produção em série do mobiliário independente - na dissociação da relação entre involucro arquitetônico x conteúdo interior? Se “a cidade não é mais um mero contexto para a arquitetura” (Steele, B., AA School, Londres), como podemos distinguir o interno do externo – ou ainda, existe interior lá fora? E o que dizer dos espaços intersticiais, os não-lugares?

## Teoria - penso

Identificar o campo de ação do Interior levanta inevitáveis questionamentos sobre aquilo que se constitui uma teoria e como esta se relaciona a um estudo crítico do interior. Um mapeamento preliminar da crescente produção teórica internacional da área nos últimos dez anos revela um interesse e certa urgência em determinar uma autonomia disciplinar. Já no Brasil, diferentemente, cabe questionar porque há tão poucos textos acadêmicos sobre o assunto? Estes pertencem ou estão atrelados à teoria da arquitetura ou de outra disciplina? E ainda, alguém ensina isso? Onde? Na faculdade de Arquitetura ou na de Design? Ou deveria haver uma terceira, específica?

## Praxis - faço

Os arquitetos, historicamente, são treinados para desenhar tudo, ou, como diria Ernesto Nathan Rogers em 1952, da “colher à cidade”. Alguns seguem fazendo isso até hoje. Outros não. Especializam-se em diferentes campos por opção ou, muitas vezes, pela falta desta, como consequência de um mercado restritivo. O que ocorre quando o arquiteto perde o papel autoral ou a coordenação do processo projetual como um todo? Existe uma relação entre esta fragmentação com (a falta de) uma prática de qualidade? Como proceder em uma economia cada vez mais especializada?